

ALBA

REVISTA DE NOVOS, MENSAL, LITERARIA E ARTISTICA

Director Literário — RUI RIBEIRO

Director Artístico — FRANCISCO CALAS

Redactor — QUEIROGA SANTOS

Administrador — HORACIO RIBEIRO

EDITOR — HORACÍO RIBEIRO

FUNDADORES

Francisco Calado, Mário Alves Pereira, Queiroga Santos, Rui Ribeiro,
Vasco Camêller, Horacio Ribeiro

SUMARIO

Alba		
Panto e tão pouco		<i>Virginia Victorino</i>
Mae!		<i>Horacio M. Ribeiro</i>
As violetas		<i>Mario Alves Pereira</i>
O tio João		<i>Rui Ribeiro</i>
Cena Medieval		<i>E. O. Pio</i>
Ao Erguer do Sol		<i>Jorge L. Furtado Coelho</i>
Longe		" " "
Do alheamento e da ancia		<i>Correia da Costa</i>
Vingança		<i>Raul Barroso</i>
Os Pobresinhos		<i>Alfredo Pereira dos Santos</i>
Crónica:		
O Teatro Medieval		<i>Vasco Camêller</i>
Flores		<i>Mario S. Domingues</i>
O Fado		<i>Rui Ribeiro</i>
Bibliografia		

NOTA — Aceita-se e solicita-se a colaboração de todos os Novos.
Não se devolvem os originaes, sejam ou não publicados.

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

Rua Maria 66 r/e.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E AFRICA

Um anno	1\$20
Seis mezes	\$60

BRAZIL

Um ano	6\$00
--------	-------

As assinaturas são pagas adeantadamente

Ε 0191007

NUMERO
AVULSO
DEZ
CENTAVOS



0191007

7101 0191007

«Ao proposito firme segue o efeito.»

Camões.

ALBA

E' novo o Corpo Redactorial.

Camélier e Mario Pereira deixam os seus logares que bem ou mal pre-
encheremos.

Levou-os alguma cousa de incompreensivel para muitos — o trabalho
— e deixou-nos a arcar com a tarefa que o seu espirito privelégiado tão bem
soubera levar a cabo.

Guiam-nos os seus conselhos, contamos com eles nas nossas paginas,
mas a sua vontade, o seu valor fazem falta aos cargos que ora desempenhamos e
em que o seu espirito forte traçou a energia precisa para arrostar a má vontade
de muitos, com a indiferença de quasi todos.

Deixam-nos quando a sua obra estava lançada, quando ela mais necessitava
do seu esforço e deixam-na pesarosos.

Apesar de tudo a «Alba» continuará a ser o que tem sido — *O Inicio
dos Novos.*

E' de todos e de ninguem.

Temos a bôa vontade e o amôr que animava os que partem e que nos
tráz á liça com a serenidade dos que conhecem a responsabilidcde e morrem no
seu logar com a coragem espartana. Eles voltarão um dia.

Atè lá singraremos com a «Alba» *ut fata trahunt* sem hesitarmos consi-
cios do nosso dever e sabendo que pelo menos os novos nos agradecerão o
esforço que dispendermos.

Que nos ajudem, que o gelo se funda em nossa volta e teremos na
prosperidade da nossa revista a paga do pouco que fizermos.

Aos que partem dizemos : Até um dia !

Até ao dia em que nós cairmos esmagados se em vez da indiferença que
nos rodeia, não aparecer a confiança o auxillo a que tem direito quem luta e
trabalha por algo de util.

«*Alea jacta est*»

Junho de 1917

TANTO E TÃO POUCO

Um ano! tantos dias, tantas horas!
Afinal, bem pensado, é muito e é pouco.
E' muito p'ra sofrer o anseio louco
De esperar por ti de ver que te demoras.

Mas passar tantas horas, tantos dias
Só a pensar em ti, só a lembrar
A tua linda boca, o teu olhar,
Tanta coisa que ás vezes me dizias,

E' tão pouco, meu Deus, p'ra tanto amor!
Quem pudesse torná-o bem maior,
Que nunca mais findasse! oh! quem pudera

Passar a vida assim, n'uma ansiedade,
Ter sempre na minh'alma esta saudade,
Passar a vida inteira á tua espera!

Novembro — 1916

VIRGINIA VICTORINO

M ã E!...

*Oh! l'amour d'une mère
Amour qui nui n'oublie.*

VICTOR HUGO

Mãe!... Mãe!...

E' este o suave e meigo nome que primeiro balbuciamos com doçura na nossa infancia, e que na adolescencia pronunciamos com peregrino amor.

E' ela, que, quando pequeninos, nos alimenta no seu seio, nos ampara na maioridade, e é ela ainda que embala dolentemente o berço, cantarolando para que possamos dormir. Quando, pela noite, tudo é silencio, tudo dorme, é sempre ela, que vagorosamente, pé ante pé, se dirige ao nosso berço, velando o sono inocente, qual outro anjo da guarda, osculando-nos com ternura, amor e meiguice.

Depois quando, já homens, é a boa leal conselheira da nossa vida, é o ente que mais nos extremeece e adora!

— A mulher, essa flôr divina, de sentimentos puros como as cristalinas aguas, em cujo coração existe tesouro de verdadeira candura e generosidade, é sobre o nosso planeta, a mensageira angelica da Páz, do Amôr e da Caridade!...

Por isso, ela a sublime soberana do lár, a mais bela e mimosa essencia da flôr, será sempre a companheira extremosa e dedicada do homem e a unica estrela rutilante que o acompanhará na senda espinhosa da existencia.

Um dia é mãe. Chega então ao apogeu da sua nobreza, alcançou a gloria de tornar felizes áqueles que lhe são queridos e por quem é, não só adorada mas idolatrada. Os seus sentimentos sublimes, tornam-se angelicos, e o seu coração mais candido e dedicado. O espôso e o filho são a sua preocupação constante, são os seus tesouros e os entes do seu mais acrisolado amor e dedicação!...

— Mãe!... Mãe!... Palavra doce que pronunciamos com os labios tremuloes de magua e tristeza, quando já não existe.

Essencia divina que invocamos nos nossos sofrimentos — tu és o simbolo da nobreza e da felicidade, tu és a mais perfeita e virtuosa obra do Eterno!...

Do livro a sair «*Sonhos de Primavera*»

HORACIO M. RIBEIRO

AS VIOLETAS

Rôxas e tristes e magnadas flôres,
Tristes e rôxas de quaisquer martirios,
Teem essencia de dôres,
Teem pureza de lirios.

Teem perfume de beijos
Dados quasi que ao morrer
Por virgens martirisadas
Nas agruras do sofrêr;

Perfume tão sereno,
Tão docemente santo,
Que faz lembrar a dôr do Nazareno
E a mágua do seu pranto

Teem a côr do sangue ja pisado
Das feridas a gangrenar...
A côr mais roxa que o lilaz maguado,
A côr da dôr de não poder chorar!

Aquella magua que lhes sâi do peito,
— Magua talvez duma saudade imensa.
Dum sonho d'alma que morreu desfeito
Deixando chagas d'amargura intensa —

Diz tais coisas em segredo,
Fala tanto ao coração,
Que a gente chega a ter medo.
De ainda ser o que elas são...
E' que a dôr, e que a saudade
— Que saudade é que elas sentem —
Atrai mais do que os prazêres
Porque as saudades não mentem!

Maceradas, torturadas,
Pequenas a soluçar,
Num choro d'almas rasgadas
Que se não chega a chorar,

Desprendem aos poucuchinhos
Espreguiçando
Voando,
Como beijos e carinhos,
O perfume leve e brando
Que é toda aquella existencia,
Toda aquella felicidade:

«A mágua tomada essencia,
A essencia da saudade»

MARIO ALVES PEREIRA

O tio João

Esboço dum personagem

Gostava de madrugada errar pelas ruas a ver romper o sol, colorindo pouco a pouco a paisagem morta, animando-a com a sua luz extravagante de ensonado.

Acudiam-lhe, então, em tropel os episodios da sua vida tão dura, sempre cheia de espinhos, mendigando aqui e além o pão de cada dia.

E sempre de madrugada as suas pernas tropegas o arrastaram para a serra na mesma ancia de sonhar na treva e acordar com o nascer do sol, a dardejar-lhe o primeiro raio sobre a cabeça branca.

Fôra ali que começara a viver naquele amor que o arrastava á desgraça e era ali que queria morrer naquele sonho que o levaria ao tumulo. Tinha o mesmo sorriso doce e resignado sempre que a felicidade passageira que gosara lhe aparecia no sonho dôce e inquieto da treva serrana.

Passava então a mão tremula pela cabeça e o seu olhar triste fixava-se na estrada, que alvejava serpenteando, onde ela lhe apparecera um dia.

E quando o sol, lá do alto, o saudava — pois se o conhecia ha tanto tempo! — o olhar triste tinha um raio d'alegria e o seu peito enchia-se sonoramente com a brisa matutina que lhe refrescava a cabeça de neve.

Depois levantava-se e ia, mais longe, sentar-se num penedo a fixar a estrada, alheio a tudo, até que a Maria, a pastora da aldeia, vinha com o gado a correr á frente, voltando atrás a vigiar os mais pequenitos, algum que se afastava.

Logo o tio João se erguia e todo ele ria para a garota, respirando aquele ar de frescura e mocidade que acalentava a sua alma de velho.

«Os bons dias, dois dedos de palestra, uma festa na face rosada da garota e iam-lhe os olhos atrás d'ela por aí fóra, sempre inquietos, sempre temerosos. Que a serra não era segura para garotos! — asseyerava ele.

Voltava tiste a pedir aqui e além o pão quotidiano e mais triste ainda se a voz d'ela se lhe prendia no ouvido com alguma canção ingenua e campesina.

Os seus passos tornavam-se mais pesados e uma lagrima caiu-lhe pela face de pergaminho.

E' que ela era a imagem da outra!

RUI RIBEIRO

CÊNA MEDIEVAL

Ao meu amigo Horácio Ribeiro

Noite de amor!

Ha muito já que os balidos sonoros dos cordeiros se tinham extinguido á porta do redil; que nos casebres humildes se tinham apagado os ultimos ruidos; que o doce sopro da briza tinha levado os brancos penachos de fumo que, saindo das chaminés, se espreguiçavam dolentemente pelos ares. Um luar, todo cheio de misterios de amor, espalhava por sobre a terra adormecida fachos duma claridade leitosa que, incidindo sobre as arvores, projectavam nos caminhos misteriosos arabescos sombrios!

Brilhavam no ceu milhares de estrelas com o fulgor de raios penetrantes; gemia a briza docemente na folhagem das arvores, trazendo prezas nas suas azas de neve, e melodiosos cantares dum rouxinol travesso!.. E a lua, como perola imensa encrustada na concha do infinito, banhava na sua luz palida e fria os lirios dos atalhos, pomdo-lhes nas perfumadas corolas scintilações de prata. Lá ao cimo, no pico alcantilado duma rocha escarpada, sobranceira ao mar, ergue-se silencioso e statico -- como que querendo perscutar com suas altas torres e ameias o misterio insondavel do infinito -- o castelo do suzerano.

Tres badaladas lugubres soam gemebundas no campanario d'aldeia longiqua.

Na mais alta das torres entreabre-se uma janela e uma cabeça loura de fada princeza encantada talvez, um perfil que decerto não haveria mais doce nem mais lindo nos ternos sonhos bardos, assoma de cabelos ao vento olhando ansiosa para a natureza que a rodeia.

De repente, uma voz melodiosa e triste chegou aos seus ouvidos!.. Era um doce canção de amor, cantada por um menestrel de outr'ora!..

Tremia a vós do cantador apaixonado, como se ela propria sentisse as tristezas dos seus cantares!.. Chora o alaúde dolente nas suas narrações harmonicas como se o misterioso sonhador lhe comunicasse todas as dores do seu coração!..

Uma escada de corda desce lentamente da mais alta ameia do castelo; um vulto branco, tenue, transparente, vaporoso como um sonho, logo a segue.

A voz pára repentinamente!..

Ouve-se o doce ciciar de um beijo!.. O tropear apressado dum cavallo fugaz!..

Uma nuvem estilhaçada intercepta por momentos a claridade fria da lua e o mar, arremeçando-se furibundo contra os baixos do castelo então num trovão um hino de amor, um poema de gloria á felicidade dos dois amantes!

F. O. P.

AO ERGUER DO SOL

Ha clarões de rosas, manchas d'oiro, anil,
Na madrugada clara.
Sombras sonolentas desenham o perfil
Com uma graça rara
N'um traço subtil.

No ar embalsamada perpassam virações!
A natureza acorda em corações,
Desejos de viver--
As aves pelos ceus, em notas perfumadas,
Despertam ramarias; de seiva embriagadas,
Vibrantes de prazer.

Laivos de luz e sombra! Misteriosas
Scintilações!
Cambiantes de pedras preciosas,
Perfumes castos d'almas generosas,
E vermelhões
Do sangue quente de chagadas rosas.

Desperta a natureza inteira
P'ra te acordar.
E' o sol, sou eu d'esta maneira
Chamando-te á vida prazenteira,
P'ra te adorar.

JORGE FURTADO COELHO

LONGE

Nós seguirmos os dois pelo atalho verde, todo esmaltado de campainhas rubras e rosas de silva, sob um docel de cerejeiras em flôr.

Nós seguirmos os dois...

Calados ambos, perdiamo-nos n'um passado longiquo que quizéramos reviver.

E se falassemos... Mas não. As nossas vozes soariam longe, n'um longe que nunca se alcança.. no passado.

Não eramos nós... Eramos o que tínhamos sido. . . dois pedaços d'alma arrastados pelo vento do acaso, que passaram um pelo outro chocando se, e só se aperceberam d'isso, quando já iam longe. . . no passado.

Eramos a compreensão d'um sonho, a concepção dum momento.

E fallamos. . .

Mas as nossas vozes vinham de longe, e nós olhámos para traz e vimos o que fóramos.

Vimos o atalho verde todo esmaltado de campainhas rubras e rosas de silva, vimos o docel de cerejeiras em flôr, e vimos duas sombras.

Olhámo-nos.

No seu olhar passou um clarão de raiva, por não poder ressuscitar um passado tão perto ainda, e do qual se achava já tão distanciada. . .

E então desviando bruscamente o olhar, seguimos os dois pelo atalho.

.....

Entardecia.

A luz diluía-se pelo espaço, pondo clarões de púrpura e anil nos braços erguidos dos dois moínhos do monte, muito esbatidos na distancia.

Sentia-se pelo campo o estremecimento da fadiga, provocado por um dia de labuta,

E nós seguíamos, indiferentes a tudo, o que não fosse nós mesmos.

De que nos serviria revivér...

Olhámo-nos e julgámos que eramos nós...

Estávamos em frente um do outro, duas sombras, na sombra da tarde...

O mesmo atalho... as mesmas flôres... as mesmas arvores.

Aproximámo-nos instintivamente.

Tínhamos as nossas mãos enleadas, e fitávamo-nos.

Os nossos lábios uniram-se, mas logo num movimento convulso de repulsa, afastaram-se novamente.

Fôra a vertigem do momento...

Não eramos nós... era o passado... o longe...

JORGE FURTADO COELHO

OS POBRESINHOS

Do alheamento e da ancia

Sonhar é sentir a ancia

Sobre um sonho ja passado,

E anciando a distancia

Ir amar sém ter amado !..

Sonhar é sonhar perdido

N'outra paisagem d'além...

Paisagem em dôr tecido

Por outros sonhos d'aquém !

Ir a sonhar é sentir

No espelho da minha imagem,

A minho sombra a fugir...

Ir a sonhar é viver,

O sonho d'uma paisagem

Em bruma sempre a morrer !..

MCMXVII

Coimbra

CORRÊA DA COSTA

OS POBRESINHOS

Em noites de morrer dormem os pobresinhos
A' beira dos casaes, á beira dos caminhos.

Assim passam a noite á procela e á geada,
Acalentando a dôr, sonhando a madrugada.

Não tem arcas de pão, nem carinhos de lar,
Nem gado nos corraes, nem terras ao luar.

O lar sem beiraes é o lar dos pobresinhos,
Que desfazem a vida a trilhar os caminhos.

No pomposo solar transvazam taças d'oiro
E no lar sem beiraes não se moe um grão loiro.

O trapo velhinho que é lançado á ventania
E' o manto da vida, o lençol da agonia.

Por esse mundo fóra ha tantos pobresinhos:
Ha cegos de nascença, ha tantos orfãosinhos.

Ha o triste entrevadinho á beira das estradas,
Ha os leprosos tambem pelas encruzilhadas!

II

Que desgraça sem fim! Que terrivel desgosto!
Aqui negam-lhe o pão, alem mancha-lhe o rosto,

Almas puras, cristãs, imagem de Jesus,
Vejo atravez de nós o corpo d'uma cruz.

Vêde o pobre de Assis, chamando irmãs as vagás
Como por ele cai pranto das frescas chagas.

Escravos da pobreza, ó lyrios da dor
Sois a hostia do altar, o calix do amor.

Bemdito sejas sol, luz bondosa e fagueira;
E's lenha do monte, a braza da lareira;

Bemdito sejas sol, divino creador
Déstas almas a luz, a vida, a paz e amor.

Só tu as deixas vaguear por terras d'alem
A rezar e a bater ás portas de quem tem.

III

Tende esperança e fé, ó filhos do luar
Que sobre os astros ha maravilhoso lar,

Onde nascem manhãs duma luz tão divina...
Que o amor é sol e a paz a lua diamantina;

Onde está Deus, Jesus com o seu peito aberto
Para nos chamar a si, para nos ter mais perto.

Cessai os tristes ais da nossa vida assim,
Em nós não ha traição, nem sangue de Caim!

Grandezas!... não olheis o pobre com desdem,
Porque é a joia, o rubi mais rico que Deus tem

Coimbra 1917

ANTONIO PEREIRA DOS SANTOS

VINGANÇA

O que é a vida!

Um misero farrapo.

O estado do espirito em que me encontro é terrivel e quando pretendo, a mim proprio, fazer esquecer meu sofrimento e minha amargura maior é a minha dôr.

Quem pensa e quem sente, quem ambiciona e quem dedica, quando vê seus desejos desfeitos, sofre e nos momentos de maior dôr, um sentimento baixo de vingança, parece dar-lhe alento e minorar a dôr e a tristeza.

Vingança, é o grito dos oprimidos, dos desgraçados, que sofrem, mas, ella, seu legitimo grito de defeza, só lhe fica na palavra e não chega á ação.

Quantas vezes, um desgraçado num acesso de revolta contra tudo que a humanidade tem de mais belo, prestes a desfechar o golpe que por um momento o vinga contra as desditas do mundo, quanta vez esse braço vingado seccido por um estreamecimento unico, indecifrável, em vez de exercer a vingança, vai salvar aquele que lhe fez mal.

É difficil de explicar o espirito, d'aquelles que sofrem.

O sofrimento, torna-nos mentirosos se muitas vezes a alma sangra, nós deixamos ver sorrisos, mas a vingança o unico direito de que nos podemos valer vai-se e não volta para não nos deixar a dôr.

O MUNDO DE HOJE

Na vida turbolenta o abismo abre-se a nossos pés.

A humanidade vive de tudo que é mau e despreza a bondade.

A mulher é a rainha que actua, e o homem o instrumento obediente.

A fé e a esperança são illusões, o cinismo e a intriga, realidade.

Tudo que é bello é desprezado e o ridiculo adorado.

Poetas, escriptores e jornalistas illudidos; políticos, merciantes e vigaristas, os homens da situação.

Pureza, Castidade e beleza pouco ou nada valem; agora, devassidão maluquice e infidelidade, estão na moda.

Os pensamentos bons acabaram, tudo que era e havia de bello desapareceu.

Hoje o mundo está maluco e os doidos é que tem juizo.

Do Livro a sair «*Recortes*»

RAUL BARROSO



CRÓNICA

O THEATRO MEDIEVAL

Todo o principio de E.lade-Média, sendo um periodo essencialmente de convulsões de toda a ordem, em que Estados e Nações em via de formação disputavam entre si territorios e direitos politicos, desconhecem qualquer manifestação de arte histriónica. Sem a paz e a civilização não poderá nunca ir além dum esboço, dum pilar mal tallhado em que exclusivamente assentem as condições indispensaveis para a vida dum povo. A arte é um requinte da civilização, um dilettantismo do espirito humano a que uma grande calma interna pode dar azo.

Ora, desde que, com a invasão dos barbaros, os ultimos clarões da civilização do Dácio tinham desaparecido, com eles morrerá também a ultima effervescencia do theatro Romano que tão grandioso fóra nos tempos de Plauto e de Terencio. *Archimimus* e *Sannio* tinham deixado adormecer a face irrequieta, para não mais divertir a multidão Latina que lhe aclamára as momices gritando em convulsões de riso: *Panem et Circenses!*

E assim foi dormindo tudo até aos velhos tempos da Cavalaria. Torvadores segreiros ergueram-se então á aurora da poesia gemeudo ao alaiúde os seus cantares perpetuando o nome no «*troubou bem*» dos Cancioneiros. Amou-se, souhou-se batalhou se, mas o theatro continuou dormindo e foi preciso que a Fé, vindo lançar á Europa, numa nova convulsão, trouxesse como consequencia o seu renascimento. Pedro, o Ermita, pregára a Cruzada e logo mais de um milhão de homens, nobres, plebeus, burguezes, mesteiros, sacerdotes e menestrais, apóstolos do mesmo ideal, partiram de terra em terra na obscação constante de ganhar o céo.

Passaram-se anos aquelles e que em Clermont tinham ufulado imprecações contra os infieis, os que tinham deixado tudo, para, de cruz vermelha no ombro e com o «*Deus o quere!*» na boca, correrem á Terra Santa, foram voltando, exaustos, doentes desanimados pelo desespero dum ideal não atingido.

Os nobres, arruinados, vendo cair pela base todo um sonho de grandezas, os plebeus, mais miseraveis ainda viram o seu magro patrimonio reduzido aos andrajos que os cobriam e ás chagas que lhe ulceravam o corpo. Estes desgraçados eram os que d' mais pura fé tinham partido e os que a infelicidade mais atingira.

Lembraram-se então esses vilões de, para se manterem reunido o povo nos adros das igrejas e narrar-lhe tudo o que tinham visto e passado nas partes d'além. E o bom povo deixava o trabalho, acorria em massa, como uma criança, o ouvir essas historias que lhe falavam ao coração rude e crente e batia nos peitos soluçavam e dava dinheiro.

Um dia veio porém em que um desses Narradores, batido da mesma centell que na Hólada iluminava Topsy, pensou que maior seria ainda o resultado se, em v da narração, eles apresentassem ao publico a ficção dos factos.

Pela primeira vez, depois de tantos séculos, o povo pôde aplaudir actores e a Europa teve teatro.

Essas companhias rudimentares, a principio compostas exclusivamente por peregrinos, foram recebendo elementos estranhos e formaram-se então as *Confyarias*. Das muitas que appareceram por toda a França, duas ficaram célebres: a da *Paixão* e a de *la Basoche*, cada uma delas seguindo uma das correntes em que o teatro relogioso logo se subdividiu: *Les Mystères et les Moralités*.

A confraria da Paixão, representando os seus *Mystères*, sobretudo aquele que lhe dava e nome, aliava a ficção directamente ao céo; a segunda, apresentava nas suas *Moralités* a influencia de Deus sobre os homens.

Eram na sua maioria a dramatisação dos Mandamentos da Lei de Deus, e em harmonia com cujos preceitos se desenrolava a acção.

Ao lado deste *teatro mystico* appareceu um pouco mais tarde, o *teatro profano* com as duas *Comfrias*: da *Mère sotté* e *Des enfants sans soucis*, e o povo dos burgos medievos que batia nos peitos inflamado de pura crença ante a ficção do céo, podia agora rir e julgar com as chocarriças das *Farças* ou *Sotties*.

A mais antiga d'estas *Farças* é a do *Advogado Patelin*, extraordinaria pela graça e relativa perfeição tecnica.

E assim orou e folgou a França da Meia-Edade.

Puramente religioso nos começos, o teatro, foi cinco séculos depois execrado pela greja; feito para o povo, veio de casaca de seda sentar-se á mesa do Rei Sol.

O tempora, ô mores!

VASCO CAMELIER

FLORES

A flôr é bela, e como quasi tudo que é belo, tem o dom de embelesar o que as cerca.

No prado ou na serra, as flôres são deslumbrantes; que vida livre e sadia elas gosam ali!...

Quando o sol do meio dia cae sobre o campo imenso, levando aqui e alem. reflexos fulgurantes como laminas d'aço, elas parecem emanar vida á propria vida.

No quintal ou no jardim, quando sob a frescura d'um caramanchél sombrio gosamos os seus aromas, elas são lindas tambem, mas d'uma outra beleza: são a frescura da pele d'uma donzela fina e educada... o mimo do livro branco, a singeleza d'uma rosa de chá.

As outras, as do campo, são o vigor, a desenvoltura da joven camponesa, o rosto tiznado de sol: são o vermelho pudico da papoila, o amarelo poente do nalmeguer.

Aqui ou ali as flôres tem o condão d'embelesar tudo que as cerca.

* * *

Infelizmente para a humanidade, as flôres não quebram unicamente a monotonia dos campos ou jardins.

A vida, muitas vezes sem ser monotona, é feia e á sua aproximação torna-se sedutora, atraente.

As flores têm o duplo condão de suavisar as maguas é de alegrar a propria alegria. Que seria um cemiterio sem flores e um jantar de festa sem bouquets na mesa?

A, faz anos envia-se-lhe um ramo de rosas; B, morreu, mais rosas para o B.

No primeiro caso elas significam a alegria que se não sente, no segundo o desgosto que se não sofreu.

O homem comete verdadeiros atentados contra a vida da flor.

Ao caprixo d'uma donzela, joven enamorada lança-se furioso sobre uma roseira, parte, trocica, arranca... e ei-llo presenteando a menina, que lhe conceda um sorriso — grand prix da sua façanha.

Muitas vezes, unicamente o nome da flor, é capaz de enternecer um povo.

Assim aconteceu com a festa da dita.

Esta festa seria incomparavelmente bela, se nos vendessem flores, e não o seu nome apenas. — Parece-me que ninguem considera flor um pedaço de pano mal talhado e um afinete —

Sobre a belesa do proprio homem, tem a flor uma influencia extraordinaria, (e não desconhece)

Mulher bonita ou feia para fazer realçar a sua belesa ou embelesar a sua fealdade, orna o seio de rosas e camelias. Menino de monoculo 'e deselegante se tem pretensões a gentleman enfeitado a boutonniere com cravos berrantes.

Historicamente, só lhes lembro com um facto, o seu fado de beneficiar o mau — as vigias romanas, cujo eco de deysassidão e vicio nos chega com formas inequalvelmente belas.

Se eu quizesse ser mais justo, apontando-lhes todos os pôdres, jamais acabaria este perpassar d'infancias vestidas de rosas e perfumadas de violeta.

* * *

Octave Mirbeau foi um dos homens que melhor soube compreender a festa da flor.

No seu livro, «O Jardim dos Suplicios», ele apresenta-nos as flôres sem o ven postoço com que a sociedade as cobre; ele mostra-no-las ainda vermelhas de sangue das victimas das convenções humanas.

Pessoas ha, que não poderam lêr até ao fim, esse livro de torturas e verdades! mas estou certo que se Mirabeau não tivesse suavisado as crueldades que conta, fazendo-as acompanhar de discrições admiraveis d'esse jardim chinez, maior seria o numero de leitores que abandonaria essa leitura de sangue e de barbaridade.

Mas Mirbeau sabia bem que as flores são belas, e como quasi tudo que é belo, têm o dom de embelesar o que as cerca.

MANOEL DOMINGUES

O FADO

Ha nesta canção magica, desde a melancolia terna da dôr, á embriaguez capitoso da alegria, tudo o que na vida nos prende.

Em noites escuras, pelas viellas, pelas salas o mesmo queixume dorido, a mesma nota nervosa de prazer, traz no dedilhar da guitarra a natureza estranha duma alma doente envenenando-se voluptuosamente na dôr que a consome, exteriorizando-a na toada ora grave, ora garrida do Fado.

Ele tem a sentimentalidade dos tristes para quem a vida é a morte e não acham um sorriso que lhe estancasse as lagrimas, um olhar que as sustivesse no declive por onde resvalaram as arrancasse do charco onde chafurdam até que o Alem lhes surja na asa negra e carinhosa do tumulo que nostalgicamente sonham na doçura magoadora cheia de resignação do triste Fado.

Na serenata esturdia de estudantes, na alfurga em que o amor se vende, ele vem sempre triste, evocar-nos alguem que podendo ser Tudo é Ninguem, mas que amamos como a terra em que nascemos e ele chama no agonisar lento do seu cantar sofrer dor.

Tem a candura do primeiro sonho d'amor e a perversão dum devasso; o carinho duma amante e a brutalidade duma fera, a formar o todo aristocratico e canalha, a alma pura e pôdre em que a treva se alia á luz para nos perturbar, nos encher de prazer nas horas longas do tédio, dá dôr que aniquila lentamente os fortes em que uma seiva generosa desceu aos misterios das baúças vés.

E' bem ele a sintese do Alma Portuguesa que nasce chorando, vive amando e morre sorrindo ao desconhecido com a heroica resignação duma martir.

Povo de herois, povo de dôr! A tua alma, o teu todo é a canção que empalidece o luar. . . O Fado.

Lx.ª Abril 1917

RUI RIBEIRO

BIBLIOGRAFIA

Do Amor e da morte — Rui Gomes.

Livro pequeno nele nos mostra o autor qualidades de valor que se destacam no segundo conto.

Enfileirando na escola sensacionista nela marcará um lugar de destaque no dia em que se expurgar dos defeitos por que pesa.

Ao autor agradecemos a gentil oferta do seu volume.

Anais da Academia de Estudos Livres

Recebemos os Anais desta util colectividade, em que são ventilados assuntos de alto interesse pedagogico.

A' Direcção os nossos agradecimentos.

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO

SUCESSOR

M. V. DA FONSECA

PREMIADAS EM DIVERSAS EXPOSIÇÕES

25, 27, RUA DA VICTORIA, 29, 31
RUA DOS CORREIROS, 74 A 96

Cofres fortes á prova de fogo e caixas para joias

Prensas e seus accessorios para copiar

Officinas de Serralheria para construcções e Reparacões de Balanças e Cofres

74, Rua dos Correiros, 96 (Vulgo Travessa da Palha)

CASA FILIAL — Rua 24 de Julho, 116-A e 116-B

N. B = Não se responsabilisa pelos concertos depositados mais de 30 dias

TELEFONE 3061

ASFALTO

Unico perservativo
contra a humidade
ou salitre das paredes
e impermeabilidade
de terraços

JOSE AUGUSTO ALVES

R. Victorino Damasio, 16 e 18

(ao Jardim de Santos)

TELEFONE: C. 3799

AGENCIAS

em Beja, Extremoz, Santarem
e Caldas da Rainha

PROPAGANDA POSTAL

Postais ilustrados
em todos os géneros

Grandes descontos
aos revendedores

Rua da Boa Vista, 77

LISBOA

Telefone Central 1818

A. S. PONS & C.^{IA}

Cinêmas

Elegantes

Olimpia

Concertos e magnificas fitas.

Condes

Fantasticos programas e excelente musica.

Chiado Terrasse

O mais atraente cinema, fitas de grande metragem.

Politeama

Grandiosos programas cinematograficos.

Central

Lindos-films, concertos.

Salão Foz

O melhor salão de variedades, musica deliciosa.

Trindade

Soberbas fitas, bons concertos.

Chantecler

Fitas faladas

Loreto

Fitas faladas.

Coliseu de Lisboa

(R. da Palma): Todas as noites o magnifico animatografo e concerto.

TEATROS

Republica

Companhia de verão : Lisbia Amada revista em que tomam parte Chabi Penheiro, Roldão etc.

Trindade

Revista de grande successo, o «Ovo de Colombo» de Eduardo Schwalback, mais um atrativo de dois quadros novos «A retorta do Camaleão» e o «Raid das subsistencias» que tão grandes atrações e novidades tem.

Ginasio

O Dr. Zebedeu. A mais divertida comedia.

Eden-Teatro

O «Amor» fantasia revista que tem obliido extraordinario exito.

Avenida

Companhia de opereta, o melhor reportorio do genero, de que fazem parte Palmira Bastos, José Ricardo, etc. . .

LIVRARIA ACADEMICA
DE José Sebastião Pacheco
C. do Sacramento (Chiado), 16

Variado sortimento
de romances — Obras Nacionaes e Estrangeiras
sobre Literatura e Historia

REVISTA DE ESTUDO

Compram-se
grandes e pequenas quantidades de livros